

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Rosemeire Camilo Fróis

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ENVOLVENDO O GÊNERO E SUAS
VARIÇÕES NA ESCOLA**

Belo Horizonte – MG

2016

Rosemeire Camilo Frois

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ENVOLVENDO O GÊNERO E SUAS
VARIÇÕES NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Professor Frederico Viana Machado
Tutor Orientador (a): Thalita Rodrigues

Belo Horizonte

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Rosemeire Camilo Frois

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Data de defesa da Monografia (TCC) 29 de abril 2016.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Me. Frederico Viana Machado- PUC/ RS – Orientador

Me. Igor Ramon Lopes Monteiro - UFMG

Me. Érica Melanie Ribeiro Nunes - IFMG

Coordenador do Curso

Aos meus filhos, Bruce e Brandon, e meu esposo por todo o incentivo e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao mestre Jesus, por mais um dia neste planeta maravilhoso.

À Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI.

Ao Ministério da Educação e Cultura – MEC.

Ao Departamento de Educação de Diversidade e Ações Afirmativas – DECADI - da
prefeitura de Contagem/ MG.

Ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT.

À Universidade Federal de Minas Gerais e a todos os colegas do curso Gênero e Diversidade
na Escola que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho. Muito
obrigada!

Agradeço, também, aos colegas de trabalho, Camila e Maurício, aos professores, Jackson
Almeida Leal, Leonardo Tolentino e Jardel Pedrosa, à minha tutora, Thalita Rodrigues e meu
orientador, Frederico Viana Machado, pelo incentivo e colaboração na realização deste
processo.

A todas essas pessoas meus sinceros agradecimentos.

“Só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós “mesmos.”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo *descrever situações, vivenciadas pela autora no âmbito escolar, e que estão relacionadas às vivências das hierarquias sexuais e de gênero*. Estes relatos foram produzidos a partir da realização do projeto valorização de Gênero e suas Diferenças, desenvolvido com alunos de 4º ano do Ensino Fundamental, professores e diretor, de uma Escola Estadual na região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Para análise dos relatos, utilizamos as referências teóricas estudadas nos Módulos do Curso Gênero e Diversidade na Escola promovida pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais. Através da análise dos relatos pudemos perceber que certos padrões que foram construídos ao longo de nossa sociedade e vida ainda nos influenciam em nossas escolhas, decisões e lugares, necessitando uma reflexão de que lugar estamos, para onde queremos ir e quem devemos auxiliar no trajeto de nossas vidas. Assim, concordamos com Louro (2000, p.60) que diz que “o preconceito e as hierarquias sociais se manifestam não apenas na sala de aula, mas em toda a estrutura institucional das políticas de educação e nas escolas”. A escola como espaço mediador de conhecimentos e de opiniões, deve procurar ações que possam combater toda a forma a desigualdade e racismo, procurando valorizar as diferenças. Ela deve fazer com que essas ações possam se igualitárias a todos, buscando acabar com a generalidade de gestos, falas e, principalmente, de comportamentos de binarismo, hierarquia e desigualdade de gênero.

Palavras – chave: Gênero, Diferenças, preconceito, binarismo.

ABSTRACT

This work is aimed at describing their situations by the author experienced in the school, and those are related to experiences of sexual and gender hierarchies. These reports were produced from the realization of r enhancement project Gender and its Differences, developed with students of 4th year of elementary school, teachers and principal of a public state school in the metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais. For analysis of the reports, we use the theoretical references Studied in Course Modules Gender and Diversity in School sponsored by the College of Philosophy and Human Sciences, Universidade Federal of Minas Gerais. By analyzing the reports we realized that certain patterns that were built throughout our society and life still influence us in our choices, decisions and places, requiring a reflection of what place we are, where we want to go and who should assist in path our lives. Thus, we agree with Louro (2000, p.60) says that "prejudice and social hierarchies are manifested not only in the classroom, but in the entire institutional structure of education policies and schools. The school, as a mediator space of knowledge and opinions, should seek actions that can combat all inequality and racism forms, looking for value differences. It should make these can be equal actions to all, seeking to end the generality of gestures, words, and especially behavior of binary, hierarchy and gender inequality.

Key - words: Gender, differences, prejudice, binarism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O PROJETO VALORIZAÇÃO DO GÊNERO NA ESCOLA E SUAS DIFERENÇAS.....	14
2.1 O PROJETO	14
2.2 O PROJETO E SUAS REPERCUSSÕES.....	15
3 MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA.....	28
3.1 NO INÍCIO... ..	28
4 A PESQUISA: O AMBIENTE ESCOLAR	31
4.1 A ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA	31
4.2 AS RELAÇÕES INTERNAS NA ESCOLA.....	33
4.3 AS RELAÇÕES COM OS PAIS.....	38
4.4 AS RELAÇÕES COM A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO	39
4.5 AS RELAÇÕES DE ENFRENTAMENTOS COM A AUTORA NA ESCOLA	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Por que trabalhar com a valorização do gênero e suas diferenças na escola? Foi desse questionamento que senti a necessidade de produzir um estudo onde se percebe como a escola tem trabalhado com as questões relacionadas às diferenças e como ela tem trabalhado para incluir essas em seu espaço. Busquei, também, saber qual o papel da escola como lugar de reprodução de homogeneização das diferenças, quer seja sobre o ponto de vista do conhecimento (onde todos devem ter a mesma condição de acesso) ou das relações sociais, no nosso caso específico, a homogeneização de gênero. Percebi que por mais que o nosso discurso esteja avançado, em relação aos assuntos sociais contemporâneos, ainda percebo que as práticas não refletem esse discurso.

O princípio central de uma escola comprometida com a diferença deve ser o respeito ao outro como Outro, como aquilo que não pode ser pensado *a priori*, definido de antemão. Nessa escola, as pessoas não se tornam, porque a completude do processo de tornar-se, só seria possível se eliminássemos para sempre a diferença. Elas seguem se constituindo sempre outras, ainda que sem deixar de ser elas mesmas.

(MISKOLCI, 2010, p. 36)

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, a educação é um direito de todos. Deve ser gratuita, de qualidade e acessível a TODOS. O art.22 desta lei diz que a educação básica deve garantir o desenvolvimento do educando para que ele possa exercer sua cidadania. A educação passa pelo viés de que a escola deve garantir aos educandos, o respeito à individualidade e à igualdade de direitos, sob o ponto de vista da legalidade e da acessibilidade, através de materiais didáticos, currículos e avaliação, para que esses sujeitos possam ser inseridos com respeito e dignidade nos sistemas educacionais.

“(...) a igualdade é pensada em dois sentidos: sob o ponto de vista da homogeneização da instituição escolar, onde a educação é para todos de igual forma, com materiais didáticos, avaliações, currículos e parâmetros nacionais comuns para todos; e, sob o ponto de vista da homogeneização dos estudantes, onde as diferenças devem ser minimizadas entre o que é bom ou ruim, entre o bem sucedido e o fracassado, no comportamento em sala e no contexto escolar envolvendo o indisciplinado e disciplinado, o atrevido e o obediente. Esta lógica se fecha para o processo educacional, para a diversidade de experiências que se encontra na escola e que deveria ser, efetivamente, o material de trabalho dos docentes.” (SILVA, p. 26)

Conforme a escola é concebida como um espaço de construção política, social e democrática, seu objetivo visa promover o desenvolvimento, a criatividade, os saberes, experiências, estratégias de aprendizagem, intervenções e trocas de experiências. Deste modo, compreende-se que, tratar apenas da igualdade no âmbito escolar e a decorrente tentativa de

homogeneização das diferenças, reproduzem desigualdades sociais amplas, cuja superação é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática e plural.

Balieiro e Risk (2014, p.153) afirma que a escola é pensada como espaços de igualdades, onde os sujeitos possuem as mesmas oportunidades, quer na aprendizagem ou recursos oferecidos. De acordo com os autores, olhando-se por outro viés questiona-se se a sociedade, onde reina a desigualdade, o preconceito, a discriminação de "raça", sexo e gênero, seria capaz de inverter essa situação, ou reforçaria, aumentando, assim a exclusão já existente. Como argumentam autores como Louro (1997), o contexto escolar cristaliza as diferenças entre os gêneros e faz com que os sujeitos, em seu espaço, não possam fugir dessa normatização que separam masculino e feminino. Esse reforço se manifesta, muitas vezes, atribuindo o que pode ser feito seguindo a perspectiva do que é dever de meninos e o que é dever de meninas .

Dessa forma, Louro (1997, p.61) diz que “o modo de sentar e andar, as formas de colocar os cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que passa pelos bancos da escola”, ou seja, toda a forma de se expressar e agir, no contexto escolar, será definido por uma forma estereotipada de um estudante menino ou menina, “marcando” a especificidade de cada gênero. A escola, considerada pedagogicamente diferenciada, ou seja, mais aberta às diferenças, mais inclusiva, não foge a esses estímulos, mesmo entendendo o seu papel de ensinar e aprender com todos (as) que ali estão. A função da escola é auxiliar o (a) estudante no fortalecimento da identidade cultural e na formação da cidadania. A escola deve auxiliar o (a) estudante a ser um cidadão capaz de modificar, escolher, analisar, a realidade na qual vive, ajudando-o(a) a integrar-se ao mercado de trabalho e a construir e formar valores éticos e morais.

Sendo assim, a escola passa a ser um laboratório. Um lugar onde problemas surgem e devem ser trabalhados, desencadeando uma gama de oportunidades para o conhecimento e o esclarecimento, bem como o enfrentamento de diversidades e diferenças entre os gêneros, tais como, sexualidade, homofobia, entre outros. Temas como esses, têm boa aceitação dos estudantes, por se identificarem com os mesmos e por tratarem de vivências cotidianas. Entretanto, tais temas encontram grandes resistências de professores(as) que estão na escola. Esses professores(as), muitas vezes, ainda necessitam de formação continuada para lidarem com situações encontradas na sala de aula e no contexto escolar. A busca de ferramentas e alternativas para solucionar os problemas apresentados no convívio da escola pública, especificamente, passa a ser uma constante, já que essa escola é *de e para* TODOS.

Não se percebe muito, atualmente, professores(as) em sala de aula desejando mudar posturas e costumes, cristalizados, sobre os modos de habitar a escola que dividem todos os estudantes. Atitudes dizem muito sobre a concepção de ensino e sobre como suportam a diversidade.

É possível perceber em algumas escolas, ainda, estudantes sendo separados pelo gênero na fila de entrada e saída: meninas de um lado e meninos do outro. Esse fato me causou grande incômodo, pois percebo que é através de pequenas ações, que nascem as grandes como, por exemplo, os preconceitos na escola. Os estudantes meninos, de acordo com alguns(umas) professores(as), são aqueles que podem carregar objetos pesados, por terem mais força; as meninas, objetos mais leves, por serem mais frágeis. Com esse jeito de pensar, sem perceber, professores(as) têm colocado meninos em lugares privilegiados, nas relações de poder, em relação às meninas. O que não dizer das cores. Se meninos usam cores rosa e vermelho, podem ser rotulados de “maricas”, “mulherzinhas”, porque “essas cores” sempre foram destinadas às meninas. Meninos devem se comportar, falar e agir como homens másculos, e meninas não podem se comportar, agir ou falar como meninos. Tudo tem seus limites bem definidos.

Fazer um estudo sobre as práticas pedagógicas envolvendo o gênero e suas variações em uma escola de Contagem/ MG, me proporcionará novos conhecimentos sobre a autoidentificação deste estudante, a origem da resistência dos profissionais que, ao invés de tentarem diminuir essas diferenças, reforçam o que há anos perpetua na história da educação e, porque é tão difícil discutir esse assunto com os estudantes. Quais são as razões que levam os profissionais a não quererem que isso aconteça. Falta de preparo ou medo dos questionamentos?

O que, também, levou-me a escolha dessa temática, foi constatar que as discriminações e desigualdades quanto ao gênero sempre aconteceram durante toda a história da educação no Brasil. A sociedade sempre pressupõe que o gênero influencia decisões, comportamentos e modo de ser dos sujeitos.

Nesse contexto escolar emerge a necessidade de se aprofundar em questões de hierarquias de gênero e de estereótipos, geradores de preconceitos e discriminações sociais trazidos na prática pedagógica processos, reflexos destas relações que derivam destas hierarquias. A escola é um espaço privilegiado para o enfrentamento desses preconceitos. Muitos desafios estão presentes, onde os sujeitos buscam conhecimentos e soluções para os problemas de sua realidade.

Assim, busquei como objetivo para este trabalho, *descrever situações, vivenciadas pela autora no âmbito escolar, que estão relacionadas às hierarquias sexuais e de gênero*. Estas relações de gênero na escola, às vezes, passam despercebidas pelos atores da escola, que reforçam as diferenças do gênero. Essas situações serão analisadas a partir dos referenciais bibliográficos e conteúdos apreendidos no curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Buscarei contribuir com apontamentos de como os docentes podem trabalhar com essas hierarquias em suas salas de aula, fazendo reflexões sobre os binarismos (masculino e feminino), buscando novas práticas para suas ações cotidianas.

Este trabalho apresentará relatos sobre a realização do projeto VALORIZAÇÃO DO GÊNERO NA ESCOLA E SUAS DIFERENÇAS, e também, relatos pessoais sobre convivências com professores(as), diretores e estudantes do 4º ano do ensino fundamental, vivenciados em uma escola considerada de risco social, na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Através dos dados obtidos, buscarei analisar a relação de hierarquias de gênero entre estudantes, professores, direção escolar. Apresentarei, também, a minha trajetória como docente neste cenário discriminatório, buscando inserir meu projeto nesse contexto escolar.

Acredito que os docentes, através de práticas que valorizem o gênero em suas capacidades, podem contribuir para que essas diferenças sejam diminuídas. O (a) professor como mediador do conhecimento e das aprendizagens dos estudantes, deve garantir que os discentes possam refletir e agir e se comportarem de maneira a exercer sua cidadania na escola e na sociedade.

O trabalho foi dividido em três partes. A primeira parte abordará o projeto que foi desenvolvido em sala de aula. Identifiquei questões sobre gênero e sexualidade entre os estudantes, por meio de intervenção que buscava trabalhar as distinções entre meninos e meninas, e também sobre as cores nos desenhos, os esportes na educação física, e as brincadeiras. A segunda parte relatará a minha trajetória educacional, antes e depois do curso GDE. A terceira parte se ocupará de relatar o ambiente escolar, sua estrutura física e material, as relações internas, e como as questões de sexualidade são enfrentadas no contexto escolar na interação com estudantes, professores(as) e diretores.

2 O PROJETO VALORIZAÇÃO DO GÊNERO NA ESCOLA E SUAS DIFERENÇAS

Neste capítulo apresentarei o projeto VALORIZAÇÃO DO GÊNERO NA ESCOLA E SUAS DIFERENÇAS, suas propostas, concepções, efeitos e repercussões ante a escola escolhida para sua aplicação. Veremos, também, o contexto em que foi aplicado e como os docentes o receberam. Ainda, também veremos as práticas que foram exercidas ao longo de minha trajetória educacional, profissional e social.

2.1 O PROJETO

O projeto de *Valorização do Gênero na escola e suas Diferenças* consistiu em apresentar aos estudantes, professores(as) e direção escolar, como as relações entre o masculino e feminino podem ser vivenciadas e modificadas na sala de aula e nos espaços escolares. O projeto visava que os(as) docentes, através de práticas diversificadas em sala de aula, induzissem os estudantes à inversão de papéis do gênero, contribuindo, assim para a valorização do gênero feminino, em atividades que, até então, eram exercidas pelo gênero masculino.

Através de práticas diversificadas, os docentes deveriam colocar os estudantes em filas mistas (meninos e meninas) e levá-los a utilizar outras cores, como o verde, roxo e o amarelo, nas atividades realizadas por eles que exigiam essa ação. Nas aulas de educação física, os esportes puderam ser invertidos, e os meninos praticaram esportes que eram destinados às meninas e as meninas os que eram destinados aos meninos. Os(as) estudantes puderam fazer a troca de atividades que seriam para homens e mulheres na escola invertendo, assim, as funções exercidas por eles até então.

O projeto *Valorização do Gênero na escola e suas Diferenças* foi dividido em três etapas:

- 1) A primeira fase do projeto dedicou-se à mudança de utilização de cores tradicionais pelos estudantes, deixando as cores rosa, vermelho e azul e utilizando outras cores como o amarelo, roxo, verde.

2) A segunda fase destinou-se à composição dos(as) estudantes nas filas de entrada e saída da sala de aula. Foram propostos filas mistas, colocando um menino e uma menina, fazendo assim, um movimento intercalado entre eles. Outra atividade proposta foi a troca de funções entre eles. Meninos e meninas se ajudavam na cozinha da escola, preparando a merenda, e as meninas, ajudavam, guardando o material escolar no depósito da escola.

3) A terceira fase, por sua vez, foi marcada pela mudança das atividades na quadra com jogos de futsal para as meninas e peteca e queimada para os meninos.

Acreditei nessa proposta por reconhecer a escola como um espaço no qual os(as) estudantes exercem cidadania, são respeitados e valorizados e o acesso à educação é um direito de todos, portanto, deve ser oferecida com qualidade e acessível a todos, conforme a LDB aprovada e sancionada em dezembro de 1996.

Na declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, o art. 1º, diz que todos nascem livres e iguais em dignidade e também com direitos, razão e consciência. Devem se comportar fraternalmente entre si. No art. 26º, ainda, diz que toda pessoa tem direito a educação, e que ela deverá ser gratuita. Deve visar à expansão da personalidade humana, favorecendo a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos para a manutenção da paz.

Na escola essas questões estão sempre presente em seu contexto, e os(as) estudantes devem ser valorizados e devem ter suas diferenças respeitadas.

2.2 O PROJETO E SUAS REPERCUSSÕES

Neste tópico será relatado como foi aplicado o projeto em sala de aula e nos espaços escolares e, como observei as linguagens e o comportamento dos estudantes, como foi construída as relações de poder entre o gênero, trazidas pelos estudantes em suas vivências na família, escola e sociedade.

Sou professora de 4º ano do ensino fundamental em uma escola do Estado de Minas Gerais, na região metropolitana de Belo Horizonte. A escola se situa em uma área considerada de risco social, e a turma é composta de 29 estudantes, sendo 15 meninos e 14 meninas com idade entre 8 e 9 anos, no turno da tarde.

Ao começar o ano letivo, em fevereiro de 2015, pude observar na turma, grande competição física entre meninos e meninas, entre o masculino e o feminino. Os meninos eram quem sempre carregavam o material do(a) professor(a) e buscavam livros na biblioteca, por serem os mais fortes. As meninas, por sua vez, ficavam encarregadas das atividades mais leves. Levavam recados para a direção ou buscavam água para a professora. Percebia-se nitidamente o conceito que permeava essas ações: meninas são desprovidas de força em relação aos meninos. Essa constatação fazia parte da rotina da turma.

A construção desse conceito, gerador de preconceito, foi produzida e reproduzida pelos estudantes ao longo de suas aprendizagens na escola e, à medida que o tempo passava ficavam mais acostumados com as tarefas divididas dessa maneira. As meninas sempre usavam cores como rosa e o vermelho e os meninos sempre cores escuras, como o azul e o preto. Pudemos observar essas distinções em objetos como, mochilas, material escolar, como cadernos, lápis de cor, merendeiras, copos de tomar água, sapatos, adereços de cabeça das meninas, bonés dos meninos, blusas de frio, ou seja, o que quer que trouxessem de casa para a escola, seguiam sempre essa ideia separatista.

Analisando essa demanda da turma, em separar o que é para menina e menino, observei certo dia que um colega chegou atrasado à sala. No momento da entrada do estudante em sala percebemos que ele havia trazido à mochila da irmã de cor vermelha. No momento de sua chegada, todos, sem faltar nenhum, riram dele e o chamaram de mulherzinha, por causa da cor da mochila. Logo me veio um questionamento interno: será que a cor de algum utensílio ou vestimenta define as pessoas? Presenciei essas separações e diferenças o tempo todo com os estudantes, através de ações, gestos e falas. Esse preconceito independia de qual aluno(a) era, fosse ele(a) ruim no aprendizado ou disciplina, de classe social e econômica baixa, negro(a), morando em aglomerados ou não. Estas diferenças nos fazem concordar com Louro (2000) quando conceituou como disciplinamento dos corpos tais práticas escolares.

Ainda, conforme Louro (2000, p. 60),

“o disciplinamento dos corpos e mentes foram construídos historicamente e todos os processos de escolarização estiveram marcados com o intuito de vigiar, controlar, corrigir e modelar os corpos de meninos e meninas, de jovens mulheres e homens”.

No contexto escolar, conforme a autora, o disciplinamento dos corpos ajuda no controle do que cada sujeito pode ou não fazer, agir e ser. A escola como espaço formador, de

mediação de conhecimentos e opiniões, deveria procurar ações que combatessem toda a forma a desigualdade e preconceito. Deveria procurar valorizar essas diferenças, promovendo ações igualitárias a todos, buscando acabar com a homogeneidade de gestos, falas e, principalmente, de comportamentos binários, hierárquicos e de desigualdade de gênero. Deveria utilizar mais da palavra para desconstruir preconceitos arraigados e reproduzidos dentro de espaços que deveriam ser para libertação e não para aprisionamento.

Para Louro (2014, p.65),

“as palavras têm o poder de destruir, modificar e podem marcar para sempre os sujeitos em sua vida, ela é muito mais que dizeres, ela reflete o que sentimos e vivemos, e também nossa forma de ver o lugar em que nos situamos em nosso contexto social. Ela é carregada de significados, mas também indica de que forma devemos agir e comportar, enfim as palavras são uma das formas de expressão que utilizamos além de nos direcionar na sociedade”.

É na escola que os sujeitos têm a oportunidade de assumirem sua palavra, se empoderarem, e promover ações que modifiquem práticas excludentes que perduram há tanto tempo.

Diante do fato ocorrido com o colega da turma que chegou usando a mochila vermelha, fiquei muito decepcionada com a atitude dos estudantes em rotular o colega. A atitude deles foi de recriminar o colega, dizendo e reforçando o que ele poderia usar e o que não poderia. Neste momento senti a necessidade de intervir, perguntando aos estudantes se era certo o que diziam. Se a cor é que define se uma pessoa é homem ou mulher. Porque homem não poderia usar a cor vermelha? Observou-se que o gênero se separa entre si, pelo o que cada um deve usar comportar, falar entre outros.

Pude observar que esses estudantes são produtos de uma sociedade que separa e modela pessoas e gênero. A escola separa os meninos das meninas nas filas, quando brincam e quando são avaliados. Separa-os pelo modo de sentar, andar e como dispõem seus materiais, uniformizando roupas e pessoas através de seus adereços e pela linguagem. Para a escola todo homem tem uma conexão com o esporte. Todo homem tem um corpo forte e esculpido que pode mostrar que é mesmo um homem. Quem não se enquadra nesse modelo é excluído e tachado com adjetivos pejorativos, tais como “maricas”, “bicha”, fraco entre outros.

Os movimentos e gestos se produzem e são incorporados por meninos e meninas no contexto escolar. Os movimentos realizados por eles definem o modo de ouvir, falar, se comportar e também as preferências da cada um, determinando e fazendo-se conhecer os que são de meninos e meninas no cheiro, no som das vozes, e o que é decente ou não. (LOURO, 2014, p.61)

O que se presenciei em sala de aula com o estudante da mochila vermelha, nada mais é do que ações definindo pessoas. Como estava no início da aula de português, havia planejado aplicar o projeto com o assunto sobre a diferença no gênero através do livro “O Mundo dos Bonecos de Papel”. Esse livro conta a história de um mundo onde os bonecos de papel são divididos nas cores vermelho e azul, até que um dia começam a nascer bonecos coloridos. Os bonecos de cores azul e vermelha discriminavam os bonecos coloridos, por isso queriam pintá-los das cores azul e vermelho, como todos os outros bonecos.

Com o fato acontecido, a intervenção foi feita considerando o fato, o comportamento dos (das) estudantes e a separação do gênero em sala de aula. Resolvi, então, desenvolver um questionário que identificaria quais as cores os alunos consideravam que eram para homens e mulheres. Nesse questionário os estudantes diziam, também, o que cada um fazia em casa, quais eram essas atividades e se ajudavam os pais.

Aproveitando a oportunidade de falar sobre as cores, distribuí papeis de outras cores, como o amarelo e roxo, para todos da turma. Após a leitura do livro com os estudantes, resolvi introduzir o tema do livro através de questionamento sobre as diferenças e discriminações do gênero (masculino e feminino). Era sabido, por mim, que os estudantes questionariam sobre qual seria a cor para os meninos e o qual seria a cor para as meninas.

No contexto escolar todos os atores ao longo da história, sempre separaram o gênero (masculino e feminino) onde originou-se um abismo sobre o que é direito de meninas e meninos. Para os meninos quase tudo é possível e para as meninas nem tudo é permitido. Como exemplo, falar alto, gritar, assentar de pernas abertas, usar a cor azul, jogar futebol, usar cores escuras, shorts, entre outros. Assim para a introdução do projeto na escola, cada estudante escreveu as funções que considerava serem destinadas a ambos. O que meninos e meninas devem fazer na escola, quais as cores eles devem usar e porque certas cores não podem ser utilizadas por meninos e meninas. Se as cores que eram para os meninos e meninas determinavam o sexo de cada um e o que poderiam realizar ou não realizar.

E em discussão com os mesmos foi perguntado, qual seria a diferença entre o menino que usa cores rosa, vermelho, e meninas que usam cor azul. Diante desse questionamento, os estudantes não souberam explicar essas questões, porque já tinham a resposta pronta para o que seria de menino e para o que seria de menina. Disseram ainda que, quem escolhia as cores para usarem eram seus responsáveis, mesmo eles querendo usar outras

cores. Perguntei a eles se as cores eram masculinas ou femininas e os meninos disseram que as cores eram masculinas e femininas. Disseram também que, as cores rosa, vermelho, amarelo, roxo e verde claro era feminino e que a cor azul, verde e preta era masculina, mas meninos que usassem cores femininas eram apelidados de “mulherzinha” e meninas que usassem cores masculinas eram apelidadas de “Maria homem”.

Louro (1999, p.14) afirma que,

“(…) a identidade que cada um assume, afeta muito a família e a sociedade. Vivemos em uma sociedade exclusivamente de brancos machistas, onde os que são considerados diferentes são excluídos, experimentam práticas de subordinação e discriminação. Portanto cada sociedade tem sua relação de poder, onde são implicados os sujeitos à subordinação e situações de dominação. A escola é o lugar onde as separações e diferenças do gênero estão presentes, reforçando o que cada sujeito deve usar, fazer e se comportar, seguindo as normas ditadas e impostas pela família e sociedade”.

Nesse sentido, o projeto teve a função de desconstruir estes jogos identitários impostos no contexto escolar, buscando aproximar os estudantes desse assunto e fazendo-os refletir sobre o que havia por trás de todo esse conceito e o que realmente estava sendo discutido e defendido como ideia. Acreditou-se que a escola é produto e produtora de conceitos por isso o melhor lugar para se (des) construir e (pre) conceitos através do diálogo e da reflexão.

Ainda continuando com o andamento do projeto, na sala pude observar como estavam arraigadas as separações entre o gênero, no qual os estudantes vivenciavam o que foi apreendido. Segundo os estudantes, meninos não choram, não usam as cores rosa e vermelho e poesias são para as meninas. Futebol é coisa para meninos, cadernos coloridos, com adesivos e cabelos compridos são para as meninas. Os estudantes com suas vivências e experiências sempre separaram o que é para as meninas e o que é para os meninos na escola e fora dela. (LOURO, 1999, p.78).

Os estudantes ainda relataram que os pais sempre cobravam deles atitudes em que os meninos deveriam ser (re) conhecidos como “machos”. Eles não poderiam ter medo de nada na vida e deveriam se aventurar para realizarem o que queriam. De acordo com a família, se eles se acovardassem em qualquer situação, como chorar ao cair no chão, ou sofressem agressões na rua, eles também sofreriam consequências em casa. Já as meninas deveriam ser delicadas, comportadas e não poderiam ficar perto dos meninos. Sendo assim, se

sáíssem das regras impostas e que estavam acostumados a viver, teriam limitado o que deveriam ser na sociedade, como homem e como mulher.

Miskolci (2010, p.85) afirma que,

“(...) na escola o estudante pode se expressar com opiniões machistas e discriminatórias em relação ao gênero feminino, mas o educador deve introduzir e enaltecer a igualdade entre os sexos. O cuidado com a linguagem é um caminho de mão dupla e deve ser respeitada a diversidade”.

Em uma atividade na sala de aula falava sobre esportes e uma das estudantes relatou que gostaria de jogar Rugby (futebol americano) e logo os meninos disseram que esse tipo de esporte era somente para homens e que as mulheres eram muito fracas para poderem jogar esse tipo de jogo. Disseram ainda que era um jogo muito agressivo e precisaria de muita força, portanto mulher que jogasse esse jogo era “maria homem”.

Ainda conforme Miskolci (2010, p. 85) a linguagem é fonte de discriminação ao gênero feminino ao empregar dizeres diminutivos às meninas e de aumentativo aos meninos o que acaba por aumentar, assim, as diferenças existentes de que as meninas são menos importantes que os meninos. Há, também, adjetivos que podem valorizar ou desqualificar os estudantes. Durante uma das aulas de matemática, sobre divisão dos números, uma estudante mencionou uma palavra pejorativa para se referir aos problemas dados. Logo a repreendi dizendo que aquilo não era coisa de menina falar, que mulher não dizia isso, que aquilo era coisa de homem, reforçando, assim, mais uma vez a diferença do gênero e discriminando o que meninas podem ou não falar. Logo em seguida a esse acontecimento percebi o que havia acontecido. Velhas representações de gênero vieram à tona contrariando tudo o que estava defendendo. As representações de gênero, excludentes, se fizeram presentes no meu discurso, sem que isso fosse percebido no momento do evento. Isto me fez ficar mais atenta e reconhecer que velhos hábitos devem ser combatidos com novas práticas, e o que estava promovendo, com o projeto, não servia somente para estudantes, professores de outras salas e diretor da escola, mas também para mim também, autora daquele projeto. Mudanças devem ser contínuas. Através da linguagem pode-se perceber várias concepções que emerge a cada momento no discurso.

Miskolci (2010, p. 85) reforça que o educador deve estar sempre atento à linguagem, pois ela carrega o sexismo, o racismo e o etnocentrismo e, às vezes, o próprio educador(a) torna-se cúmplice ao falar e não analisar o próprio dizer. As palavras instituem

valores e os expressam, fazendo a diferença entre o que é certo ou errado, o que pode ou não em relação ao gênero.

Segundo Louro (1997, p.64) é muito importante que, nós professores, reflitamos sobre o que ensinamos aos estudantes. Esse ensinamento deve fazer algum sentido em nossas vidas, fazendo-nos refletir sobre determinadas questões tais como, a diferenças de gênero. Conforme o autor, devemos observar se o nosso trabalho está sendo orientado, até mesmo, por teorias que consideramos inadequadas para nossa docência. Assim ao dar continuidade ao projeto em sala de aula, continuei com os questionamentos, sobre a possibilidade de um homem usar a cor rosa e se seria considerado homem ou mulher. As respostas não surpreenderam, eles disseram que seria uma “mulherzinha”, que homem que é homem não usa rosa. Nesse momento, houve uma divisão de ideias, pois algumas das meninas disseram que ele continuaria homem mesmo usando rosa, que a cor não fazia a diferença na pessoa.

A partir da divisão de opiniões na turma, voltei ao início do projeto, onde os estudantes relataram o que fazem os homens e as mulheres na escola. Retomei as suas afirmações de que a profissão de cozinheira era para mulheres. Questionei sobre o que aconteceria se trocássemos a cozinheira pelo cozinheiro e o carregador de materiais pela carregadora. A turma gostou e perguntou como iria acontecer essa troca de papéis e funções. Organizei todos os (as) estudantes e fiz uma divisão: os meninos iriam preparar a comida e as meninas guardariam no depósito o material escolar que chega à escola. Tudo isso para verificar se essas mudanças na escola tornariam os meninos e as meninas diferentes do que são agora. Os estudantes aceitaram a ideia e assim, com o consentimento e autorização da supervisora, o fizemos. Os meninos com a ajuda das cantineiras prepararam a sopa, que seria servida no recreio para toda a escola, e as meninas, assim que chegaram os materiais escolares, que coincidiu no mesmo dia em que os meninos estavam preparando a sopa na cantina, guardaram o material no depósito.

Ao entrar na cantina e ver os meninos preparando a sopa, perguntei a eles qual era a sensação de estarem fazendo algo que, segundo eles, era função de mulher. Todos responderam que era muito legal e que alguns já desenvolviam algumas atividades em casa, como descascar verduras e picá-las. No depósito perguntei às meninas como estava o trabalho, se estavam achando muito pesado e se estavam precisando de ajuda. Elas responderam que aquela atividade elas também já desenvolviam em casa quando ajudavam os pais a guardarem as compras, os tijolos e até mesmo, a areia que vinha do depósito de

construção. Guardar aquele material não estava sendo difícil, pois já era costume fazê-lo em casa.

De volta à sala de aula iniciei um debate com a pergunta: homens podem realizar funções de mulher na cozinha? E mulheres, podem desempenhar os trabalhos dos homens na escola? Por unanimidade todas as respostas foram sim. Os estudantes disseram que aquelas atividades eles costumavam realizar em casa, mas na escola eles tinham vergonha de dizer, por que alguns colegas poderiam interpretar de forma diferente e rotulá-los com adjetivos que não gostariam, como por exemplo, “mulherzinha”.

Esse experimento me levou a pensar que na construção da identidade de gênero, as diferenças e discriminações são reforçadas, em cada segundo da nossa história. Não devemos obedecer às normas ditadas pela sociedade, família e também no contexto educacional, seguindo sempre os padrões que nos é direcionado. Devemos questionar a “forma” que modela o agir dos meninos e das meninas, e a princípio que dita que ambos não podem fazer e agir do mesmo jeito.

Louro (1997, p.13) afirma que

“em uma sociedade machista onde o homem exercia a sua prioridade, vários movimentos gays e de lésbicas, vem demonstrando que a diversidade de gênero, sexo e poder avança em direção à diversidade onde se procura estabelecer que ambos (homens e mulheres) lutam pela igualdade de poder, de ser e de estar onde querem. Essa relação de poder está atrelada a uma rede de relações tensas, que estão em atividades e que sempre se apodera de um domínio. A sociedade impõe um perfil muito forte para que a sexualidade seja apenas para aqueles que possuem um belo corpo. Corpos com formas esculpidas pelas plásticas ou ginásticas, induzindo assim, o consumo de produtos para se adquirir um corpo perfeito que provoque a sexualidade em todos os segmentos, que estimule”.

Historicamente professores e professoras também passam por esse processo de diferenças, distinções e desigualdades, até mesmo fora da escola onde se tem um olhar diferente de sua personalidade.

O termo sexualidade é abordado tanto nas famílias, na comunidade ou na escola, como um modelo próprio do que seja um homem ou uma mulher. Esse modelo determina que ambos têm que se comportar da maneira que a sociedade impõe, limitando-os a esconderem o que querem ser, como devem se comportar, agir, falar e se expressarem. A escola esquece que todos os segmentos sociais (igreja, cinema, televisão, a mídia, as instituições educacionais, e outras) possuem formas específicas de linguagem, de símbolos, de recursos, nos quais devem ser respeitados, pois essas diferenças fazem parte no processo de construção

de cada sujeito. Sempre podemos fazer uma retrospectiva sobre a história da sexualidade em todos os momentos vividos por nós, quer na escola ou na sociedade em que vivemos. Assim sendo, o padrão construído deve reinventar sua história, onde todos os sujeitos devem ser respeitados e terem garantidos os seus direitos de se pronunciarem sobre o que melhor cabe a cada um quando o assunto é sua sexualidade.

Balieiro e Risk (2014, p.190) salientam que “ no contexto escolar os professores relatam que a temática da sexualidade é nova e que não sabem como lidar com isso na contemporaneidade. Fogem sempre que o assunto surge, onde é mais fácil seguir ao currículo pedagógico posto, fazendo vistas grossas ao diferente sem incorporá-lo ao currículo tradicional”. O autor fala de uma reflexão por parte dos docentes em abordar temas como a sexualidade, e o porquê de não trabalhar com os estudantes, mesmo sabendo que a sexualidade faz parte de seu contexto, e que os alunos trazem para a escola suas vivências e experiências. Dessa forma é importante que o professor(a) incorpore junto ao currículo formal e tradicional esse tema que é habitual entre os estudantes.

Esses são questionamentos ainda hoje me faz refletir sobre a origem dos agentes que fazem parte da escola e definem ações e práticas do gênero (o que é de menino e de menina). A sexualidade ainda é um tabu, seja por medo da mudança quanto a aceitação ou por causa do despreparo para o novo, fato é que sujeitos ainda são discriminados, violentados e perseguidos pela sociedade heteronormativa, machista e sexista. A escola, como espaço mediador de opiniões, reforça essa diferença sobre as expressões de gênero e sexualidade, ainda impondo como devem ser comportar as meninas e os meninos. A sexualidade somente é trabalhada nas aulas de biologia ou ciências, dando ênfase somente ao corpo em sua dimensão biológica e reprodutiva, negando os sentimentos e a orientação sexual de cada sujeito.

Segundo Balieiro e Risk (2014, p. 174) o modo de pensar da maioria das pessoas ainda define as diferenças, como desvios de personalidades. As diferenças refletem os hábitos e costumes na sociedade e esses costumes ditam os gostos, a maneira de se comportar e as características de cada indivíduo. Dessa forma o questionamento não está sobre as diferenças e sim sobre as relações do dia a dia na escola, fazendo assim com que as hierarquias de gênero e sexualidade sejam extintas dando lugar a inclusão de todos independente de qualquer estilo ou forma de se viver.

A partir destes questionamentos e reflexões outra etapa do projeto foi colocada em prática. Os estudantes foram colocados em filas mistas na entrada e saída da sala. Mudou também a cartela de cores dos papéis que eram distribuídas aos estudantes, e passei a usar todos os dias a cor verde, amarelo, laranja, cinza e roxo, deixando de lado as cores azuis e rosa por um período de dois meses. Os estudantes somente recebiam desenhos sem a divisão do gênero. Tanto meninos como meninas receberam imagens masculinas e femininas.

Ao longo da história educacional, os desenhos que foram ofertados aos estudantes, sempre foram de flores e figuras femininas para as meninas, de carro e com figuras masculinas para os meninos. As meninas não podiam brincar de carrinho ou correr e os meninos não podiam brincar de bonecas ou de casinha. Seguindo com o projeto com a turma decidi ir um pouco mais adiante, envolvendo outros profissionais que pensavam como a mim, acreditando que homens e mulheres podem e devem fazer o que seria a função de outro. Com esse pensamento, contei com os professores de educação física da escola.

Louro (1997, p.72) afirma que “algumas áreas escolares contribuem para a constituição da identidade de gênero e parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos. Nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente”, por que, segundo a autora, essa disciplina é vinculada à ordem da ciência biológica, da natureza, no qual se separa as classes de meninos e meninas, respeitando as diferenças físicas de cada um. Mesmo havendo concepções contrárias que são naturais ou culturais de cada estudante quanto a suas habilidades. Por isso a importância da participação dos professores(as) de educação física neste processo de aplicação do projeto aos estudantes, buscando a interação com o que estava acontecendo, onde os meninos fariam as atividades que eram normalmente feitas pelas meninas e vice-versa.

Na escola havia dois professores de Educação Física. Um para as meninas e outro para os meninos. Com a ajuda deles, resolvi fazer a troca das atividades na quadra da escola juntamente com a colaboração dos estudantes. Ambos profissionais colaboraram dando atividades diferenciadas para os estudantes pelo período de três meses. Nesse período as meninas aprenderam futsal, que era considerado jogo de meninos e os meninos, queimada e peteca, que segundo eles, eram jogos de meninas.

Durante esse período, o debate em sala era constante e os estudantes chegaram à conclusão de que não havia diferença entre homens e mulheres no esporte. Observaram

também que, como nas olimpíadas, todos poderiam fazer qualquer modalidade. Os estudantes apreciaram a troca de jogos na quadra e brincaram até a hora do recreio. No recreio, os estudantes brincavam de peteca e queimada, até que outros colegas de outras turmas se interessaram pelos jogos. Para muitos, os jogos pareciam legais e prazerosos, e assim foram se envolvendo com outros colegas no mesmo projeto de inserção do gênero em atividades diferenciadas, que até então fazia a separação entre o gênero masculino e feminino.

Pude perceber algumas mudanças em sala, principalmente quando os estudantes comentavam entre si sobre os colegas de outras salas que queriam jogar com eles no recreio. Alguns já reservavam lugares nos jogos, e faziam combinados de quem iria trazer a peteca ou a bola no dia seguinte. Os meninos sempre faziam questão de que algumas meninas fizessem parte dos seus times. Aos poucos, percebi que os estudantes estavam mudando as concepções que tinham sobre os papéis sociais que eram feitos por meninos e meninas e apreciavam muito aquela mudança. A interação estava acontecendo de uma maneira significativa com os colegas de outras turmas durante o recreio.

Essas mudanças não foram bem aceitas pelas professoras de outras turmas. Elas não aceitavam mudanças simples como, não utilizar as cores rosa e azul, para a separação do gênero, ou mesmo, misturarem meninos e meninas nas filas de entrada e saída. Muito menos a troca de modalidade esportiva na quadra. Não aceitavam também, que meninos se assentassem com meninas e que ambos brincassem com os mesmos brinquedos ou mesmas brincadeiras. Os estudantes de outras turmas achavam muito bom, realizarem atividades que, segundo eles, eram somente para meninas ou meninos. De acordo com um dos estudantes de outra turma, sua vontade era colorir desenhos femininos com temática de festa junina, mas sua professora não permitia. Segundo ele o desenho para meninos era diferente de desenhos para as meninas e sempre foi assim e para que não fosse recriminado deveria permanecer assim.

A turma participante do projeto era conhecida como “tudo junto e misturado” o que despertou o interesse de os outros colegas de fazerem as mesmas coisas. Os professores(as) não concordavam porque, segundo eles, sairia da normatividade que estavam acostumados, e que outros colegas da escola poderiam fazer recriminações às suas atitudes. Essa forma de mudança segundo alguns professores(as), poderia atrapalhar a aprendizagem em sala e não oferecia nada de novo aos seus comportamentos, e a mudança não resistiria, e que o tempo retornaria com as velhas práticas. Meninos de um lado e meninas de outro.

Segundo Louro (2014, p. 61) “os sujeitos não são passivos às recepções externas, mas se envolvem ativamente e são envolvidos. Reagem, respondem, participam e se assumem integralmente.” Assim sendo, na escola, meninos e meninas não são vítimas passivas, pois resistem, contestam e se apropriam indiferentemente do corpo que possuem, fazendo com que se movimentem, comportem e expressem da melhor forma que desejarem. No decorrer do projeto as cores rosa e azul entraram nos desenhos e folhas juntamente com as imagens. As atividades esportivas e as brincadeiras eram realizadas por todos os estudantes dentro da sala de aula e nos espaços escolares, sem a distinção de gênero masculino e feminino. Com esse distanciamento das cores rosa e azul, que ficaram sem serem utilizadas por um tempo, os estudantes perceberam que existiam outras cores que também são possíveis de usar sem perder a feminilidade ou a masculinidade. Chegaram à conclusão, de acordo com os relatos, de que as cores não definiam se a pessoa era homem ou mulher. Trouxe-me surpresa esse relato, a percepção de tamanha maturidade dos estudantes.

Sendo assim, é pertinente o questionamento de Louro (1997, p.63): “é natural que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que naturalmente a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo”? O questionamento me fez refletir sobre como é a situação dos estudantes no contexto escolar. Sendo para eles, essa prática de separação de gênero, considerada normal, ela é constituída pela escola e por eles. A prática da exclusão retrata muito bem o que acontece no contexto, sem a permissão de questioná-las, já que são praticadas desde que iniciaram nos primeiros anos escolares de suas vidas.

Com o passar do tempo os estudantes já se colocavam em filas mistas na entrada e saída da sala, naturalizando, assim, para eles, essa prática. Porém, para algumas salas vizinhas isto ainda causava constrangimento para os alunos diante da escola. Como professores(as) e direção já sabiam do projeto desenvolvido pela turma do 4º ano, não mais questionavam o comportamento dos estudantes na quadra, sala ou demais espaços escolares. O Projeto alcançou minha expectativa com os estudantes. Segundo eles, foram prazerosas as mudanças na sala de aula e na quadra, o que acabou trazendo mais vontade de estar na escola. A realização desse projeto me fez reafirmar a ideia de que a escola é produtora de saberes e questionamentos, por isso todos os envolvidos com o processo educacional têm responsabilidade de equalizar cores, brinquedos, desenhos e brincadeiras para todos os estudantes nos espaços escolares e fora deles.

O papel da escola é educar para a cidadania, onde a significação, a identificação das regras e os combinados coletivos devem ser compreendidos e aceitos por todos e não impostos. Sendo assim, cidadania está presente na escola, nos projetos políticos e pedagógicos, propostas curriculares, estando articulados na sociedade como uma concepção igualitária e democrática. Não dar ênfase às diferenças para inferiorizar e categorizar e valorizar a diversidade para igualar direitos, deve ser um exercício diário em minha prática, dentro e fora da escola.

3 MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA

Neste capítulo apresento a minha iniciação no curso Gênero e Diversidade na Escola, as práticas exercidas antes e depois do curso, minhas tentativas de mudanças educacionais e minha relação com as diferenças do gênero em minha vida social, familiar e profissional.

3.1 NO INÍCIO...

A DECADI ofertou aos professores da rede Municipal de Educação de Contagem/MG, o curso “Diversidade e Gênero”, em fevereiro de 2013. Do primeiro módulo até o mês de setembro do mesmo ano, eu, como educadora dessa rede de ensino, fui uma das professoras que participou dessa formação continuada para auxiliar as aprendizagens relacionadas a essa temática na escola em que trabalhava.

Ao término do módulo, a prefeitura de Contagem, juntamente com a Universidade Federal de Minas Gerais, ofertou uma especialização em “Gênero e Diversidade na Escola” para toda Minas Gerais. Os professores, do município, participaram de uma seleção para fazê-la. Fui uma das selecionadas e aprovadas nas etapas para a realização dessa aprendizagem, ingressando, assim no GDE.

Através dos Módulo I (Igualdade e Diferença) e Módulo III (Relações de Gênero) estudados durante o curso GDE, refleti muito sobre as questões que envolvem o gênero na escola, na sociedade e no meio familiar. Pensei sobre como as questões sobre as diferenças de gênero estão veladas nos discursos, ações e práticas. É comum presenciar as reproduções que incorporam as discriminações sobre o que são de homens e o que são de mulheres. O que cada um pode e deve fazer para estarem sempre dentro da normalidade que a sociedade impõe.

Ao colocar em prática o que havia assimilado no curso, através de leituras, passei a observar meu próprio comportamento e minha própria linguagem de educadora e mediadora de opinião, que somos. Tentei não reforçar diferenças de gênero. Busquei ressaltar semelhanças entre o gênero, valorizando o respeito e a convivência entre identidades diferentes, chamando a atenção para o que cada um podia e devia fazer, sempre invertendo as

situações que ambos podiam executar no contexto escolar, contribuindo para que nossos estudantes não negassem suas identidades quanto ao gênero.

Ao começar o curso de GDE, essas distinções e separações entre o gênero na escola não faziam diferenças para mim. Vivia presenciando e praticando o que sempre considerei normal. Negava-me a refletir sobre a minha prática e questionar o que realmente era ou não natural nos comportamentos humanos. Negava questionar o que a sociedade nos impunha como regra única estabelecendo parâmetros para comportamentos de homens e mulheres. Naturalmente esse comportamento se estendia à minha vida profissional e sem perceber reproduzia com meus estudantes essas regras. Regras essas que foram repassadas a mim por outros educadores e professores, que também lhes foram repassadas, e que foram assimiladas por todos mim sem questionamentos.

Segundo Silva (2014, p.22),

“(...) a escola traz em sua história e no processo de educação a perspectiva de normatização e homogeneidade de seus estudantes, seguidas por intervenções e regulações sociais para conseguir a difícil tarefa de classificar, controlar o comportamento dos sujeitos em seu contexto, tentando diminuir as diferenças e aumentar suas semelhanças”.

A escola fazendo o que sempre fez, classificando, controlando corpos, comportamentos e diferenças, fez e continua fazendo a muitos outros, como fez a mim. Através dos estudos dos Módulo I (Igualdade e Diferença) e Módulo III (Relações de Gênero) meu olhar se virou por outro viés. O gênero, suas atribuições e discriminações deveria, principalmente, ser promovida pelo profissional que trabalha na escola, pois ele é responsável por mediar opiniões e críticas entre os estudantes.

Ao longo da vida profissional como professora, nunca percebi as mudanças que estavam ocorrendo no contexto escolar, com tanta preocupação como atualmente. O que via como normal, à diferenciação do gênero masculino e feminino, o que cada um poderia e deveria fazer, falar, agir e se comportar, passou a ter outro sentido depois do conhecimento adquirido no curso. A educação recebida de meus pais sempre dizia que meninas não podiam fazer as mesmas coisas que os meninos. Durante a minha trajetória escolar, profissional e familiar às separações e diferenças de gênero sempre foram naturalizadas, por todos que faziam parte da minha vida. Repetia de igual forma essas diferenças e separações do gênero masculino e feminino. Diferenças de comportamentos como, meninas assentarem diferentes de meninos, meninas não usam short e também não brincam com as mesmas coisas que os

meninos, não andam descalças, sem camisas, não correm na chuva, não sobem em árvores, não falam palavrões, ou gritam, ou usam cores escuras, ou brincam de lutas como o boxe. Isso era visto pelos nossos familiares como comportamento esperado e normal, de se designar o gênero. Assim nossa educação foi construída pelos nossos pais e a sociedade nos impôs como regra legitimada.

Ao começar o ano letivo, do presente ano, na escola, percebi que fazia exatamente o contrário do que havia aprendido sobre a separação do gênero masculino e feminino. Cada estudante foi colocado em seu espaço separado para cada gênero. Ignorei o fato de que cada um tinha seu fazer e agir, e não percebi que o lugar deles era em toda a parte e exercendo as mesmas atividades.

Ao iniciar o curso GDE, tive um impacto muito grande ao perceber que, como professora, exercia uma prática pedagógica, de forma inconsciente, que desencadeava a desigualdade de gênero e marcava as diferenças entre meninos e meninas. Aos poucos o constrangimento foi me afetando diante da situação que me fora apresentada e percebida em minha prática. A cada encontro, através das leituras de obras e textos, comecei a fazer uma autorreflexão sobre a minha conduta dentro e fora da escola e questionava sempre o que faria, se tudo que havia aprendido de forma normativa estava sendo desconstruído em meus pensamentos e gradativamente em minhas ações.

Nos encontros que tivemos durante o curso, a reflexão sobre o que fazer para minimizar e tentar acabar com essas diferenças e separações do gênero na sala de aula e na escola não foram muito fáceis. Então tentei mudar o que fazia bem. Desconstruir a ideia de separação do gênero masculino e feminino no contexto escolar. As leituras de variados textos me fizeram refletir sobre o que eu estava fazendo e de como poderia diminuir essas diferenças sobre o gênero em minha própria sala de aula. Então retomei os conhecimentos do educador Paulo Freire para iniciar as nossas mudanças, “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social do que tomamos parte” (FREIRE, p.79). Percebi que qualquer mudança implica em querer mudar e que começasse pelas minhas práticas em sala de aula.

Comecei mudando minha postura em sala de aula e na escola. Valorizava o que cada menino e menina podiam realizar. Reconheci que a construção da identidade de gênero poderia acontecer na minha história cultural e educacional onde eu, como professora e

mediadora do conhecimento, poderia contribuir para que acontecessem mudanças na realidade escolar.

4 A PESQUISA: O AMBIENTE ESCOLAR

Neste capítulo apresentarei o ambiente de pesquisa, suas relações com os pais, Secretaria de Educação e as relações de empatia vivenciadas por mim durante a aplicação do projeto. Revelarei também, como as relações entre o gênero aconteceram na sala de aula e como os estudantes reagiram diante das mudanças propostas. A minha observação e a análise mediante a proposta do projeto de intervenção na escola sobre a diferenciação do gênero (masculino e feminino). Também discutirei como as hierarquias na escola se impõem, a forma como trabalham as questões de sexualidade, gênero e papéis sexuais neste espaço.

4.1 A ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA

Este tópico discorrerá sobre como é à disposição do espaço físico da escola, o que tem em cada pavimento e sua composição. Apresentarei como são distribuídos os equipamentos e o mobiliário escolar e um pouco da sua história na comunidade.

A escola foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1986 e está localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, no município de Contagem. A comunidade do bairro onde está localizada a escola é tradicional e conservadora. De acordo com depoimentos e escuta dos estudantes, a grande maioria da comunidade discente é de denominação evangélica. Segundo relatos da diretora, vem dos responsáveis pelos (as) estudantes, essa informação e isso chega a aproximadamente 68% dos (as) estudantes matriculados. O bairro onde está localizada a escola é grande geograficamente, de poder econômico baixo, conforme relatos da secretaria da escola. Cerca de 80% dos (as) estudantes matriculados fazem parte de programas assistenciais do Governo Federal, como o Bolsa Família. O bairro possui centro comercial, posto de saúde, delegacias de polícia militar e civil, supermercados, farmácias e outras escolas municipais. A comunidade escolar é participativa, o colegiado é sempre presente nas reuniões da escola e, o mais importante, os (as) estudantes estão sempre presentes.

A escola possui uma estrutura física boa e atende os(as) estudantes em dois pavimentos com vinte e duas amplas salas de aulas, duas quadras de esporte, sendo uma coberta. O espaço físico tem rampas e escadas que integram os dois pavimentos da escola. A escola é pintada nas cores verde e branca, possui carteiras novas e todas as salas de aula são equipadas com cortinas e ventiladores. Os banheiros são novos, pois passaram por reforma no ano anterior. Possui garagem para carros de funcionários e um pátio grande para o recreio dos estudantes.

No pátio de acesso a garagem, tem um jardim e uma horta. A horta faz parte do Programa Educação de Tempo Integral, da Secretaria de Educação onde os estudantes que participam são de outro turno. Esses alunos plantam e cultivam verduras e legumes, e somente eles têm acesso a ela.

A escola possui uma cantina grande para servir a merenda aos alunos e uma cozinha também muito espaçosa, com espaço para as duas geladeiras, armários e mesas. O depósito para guardar materiais escolares é grande e fica próximo à cantina. A sala dos professores possui armários para todos os profissionais, e tem um computador, uma impressora, uma geladeira, um micro-ondas, dois ventiladores e uma mesa com cadeiras para acomodar todos os professores(as). Nessa sala também há dois banheiros.

A escola tem uma sala de vídeo, um laboratório de informática e também uma biblioteca. A biblioteca tem um espaço pequeno, mas consegue receber uma turma de estudantes de cada vez. Na biblioteca, segundo a supervisora, seria o lugar onde eu encontraria DVDs, livros e outros materiais didáticos com essa temática da sexualidade e também outros temas relacionados a ele. Infelizmente não os encontrei. Segundo a pessoa responsável, ela nunca os viu e não saberia informar onde encontrá-los, mas talvez pudesse encontrar alguns com os professores (as) de ciências, pois eles sempre buscavam livros e materiais ligados a esse tema. Algumas vezes não os devolviam. Por isso ela não saberia dizer onde estavam e nem se eles existiam. Acreditei que esse material até poderia estar na escola, mas o acesso a ele não foi possível devido ao grande volume de materiais que lá se encontravam de maneira desorganizada.

Observei que essa falta de materialidade bibliográfica relacionados aos temas, sexualidade, homofobia, racismo, gênero, e outros, que precisam de esclarecimentos para a diminuição de preconceitos, retrata a maneira como a escola aborda o assunto. A falta de

material justifica a não abordagem desses assuntos pela escola, e conseqüentemente pelo professor em sala de aula. Se houvesse mesmo o interesse em discutir os assuntos essa falta não seria barreira. A escola e as (os) professores têm elementos para levantar essas questões a partir das demandas dos próprios alunos. Percebemos que a sexualidade, a orientação sexual e a homoafetividade são assuntos que vários estudantes conversam entre si e são vivenciados na escola, como por exemplo, no turno da manhã e noite, onde eles já são maiores e conseguem falar sobre e o preconceito não é tão evidente.

Acredito que a escola necessita de um incentivo, um apoio maior do Diretor, Secretaria de Educação e Professores (as) para que isso aconteça. A prefeitura tem oferecido às escolas municipais uma formação continuada para professores, para que eles possam se sentir mais capacitados para falar de assuntos que envolvem violência, advindas de vários problemas relacionados à exclusão social. Mas, como a escola que recebeu este projeto não é municipal, fica sendo um bom motivo para não abordar esses assuntos. Existem vários programas de formações promovidos, até mesmo por Universidades, mas como não existe uma parceria com o Estado, o simples convite de participação não justifica a falta ou permite a liberação do professor da escola, mesmo reconhecendo o valor dessa formação.

4.2 AS RELAÇÕES INTERNAS NA ESCOLA

Neste tópico será relatado como foi a realização do projeto sob o ponto de vista da supervisão, vice-direção e os (as) professores.

Toda mudança causa um pouco de tensão aos seus envolvidos, mas quando essas mudanças podem trazer para uma escola e para uma comunidade uma resignificação de concepções e práticas sobre o gênero, que foi construído ao longo da história educacional, fica um pouco mais tenso. Desconstruir ideias que por longos anos foram praticadas e reproduzidas como verdade, não é algo que acontece de maneira rápida e nem com facilidade. Precisa-se de tempo para convencimentos, assimilação e aceitação de novas concepções, até a mudança de fato. Convencer alguém a mudar a prática sem que isso seja visto como mais um “modismo” da educação é tarefa árdua e requer além de tempo, persistência. As pessoas, de maneira geral, têm dificuldades de visualizar novas propostas de prática, principalmente quando a proposta exige resignificar o seu fazer, pensar e dizer. E, sabendo disso, a melhor

maneira para que isso aconteça é semear as novas ideias e dar tempo para que cada um possa dar sentido e adaptar-se às mudanças de acordo com as condições e limitações de cada indivíduo envolvido no processo.

Assim ao começar o curso GDE, estava sabendo das dificuldades que iria enfrentar ao tentar colocar em prática o que estaria aprendendo, pois, a escola ainda é muito tradicional e conservadora, quando o assunto é sexualidade, discriminação, diferença de gênero, homofobia, homoafetividade, racismo entre outros. O meu propósito era começar um projeto que tratasse das diferenças do gênero (masculino e feminino) na sala de aula e nos espaços escolares, trazendo uma nova perspectiva para as práticas exercidas, que era de separação entre meninos e meninas no contexto escolar.

Entretanto, ao apresentar o projeto na escola, percebi que o trabalho com os estudantes deveria vir depois de um trabalho com o corpo docente da escola. Precisaria preparar todo corpo docente para depois começar com os estudantes. Louro (1997, p.63) diz que “nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos”. O que estava aprendendo no curso iria me proporcionar uma gama de conhecimentos que auxiliaria os estudantes na aprendizagem e, a não reforçarem as práticas de separação do gênero. Mas precisaria pensar em algo que pudesse envolver todos os professores, a supervisão e a direção escolar no projeto que iria começar.

Conforme afirma Balieiro e Risk (2014, p.173) “os sujeitos que estão fora das normas heterogenias de gênero e sexualidade são tratados como diferentes ou doentes, no qual os valores repassados pelas religiões, famílias, escola, são normais e devem ser seguidas, vividos e são a única verdade. A escola reproduz essa desigualdade, pois os livros não trazem os direitos e deveres para democratização”. Compactuando com o autor meu interesse foi de eliminar qualquer forma de discriminação baseadas em gênero e sexualidade, incentivando e esclarecendo as pessoas para que não as aceitassem na escola. Chamei a atenção, também para o fato de que a escola não poderia permanecer neutra diante das situações e nem se abster dessa demanda que faz parte da realidade contemporânea.

Ao falar do projeto, primeiramente com a supervisora, notei que ela não queria mudanças na escola, porque a organização, do jeito que estava, estava “dando certo”. Os estudantes já estavam acostumados e o projeto envolveria o professor, sua metodologia de

trabalho e também envolveria sua atuação junto aos docentes, o que acarretaria mais trabalho a ela.

Com o consentimento da vice- direção, falei do projeto na sala dos professores(as), para ver se eles abraçavam a ideia. Os professores(as) dessa escola possuem uma postura muito tradicional, como se pode observar pelo comportamento dos estudantes em sala. Os estudantes sempre sentam separados. As meninas de um lado da sala e os meninos de outro. A decoração da sala é sempre da mesma forma, cor rosa indicando as meninas nas figuras femininas e a cor azul indicando os meninos. Filas separadas pelo gênero. Estudantes que não se manifestam nas aulas. Professores(as) que falam e estudantes que obedecem. Diante desse quadro identifiquei que as dificuldades para a realização do projeto seriam maiores que o esperado.

Quando apresentei aos professores (as) o projeto e expliquei como iria trabalhar com os estudantes, quais mudanças seriam propostas, foram só reclamações, como era esperado inicialmente. Os professores (as) disseram que daria muito trabalho, faria muita bagunça, que não iriam participar com suas turmas porque isso era invenção de moda e atrapalharia o que estava certo. Depois de muito diálogo com os professores(as), muitos argumentos e reconhecendo que seria trabalhoso o envolvimento de todos nesse projeto, defendi a ideia de que mesmo assim, seria muito importante o envolvimento de todos. Precisaria mudar. Precisaria desenvolver com os alunos o projeto. Só assim alcançaria toda a escola, e poderia desenvolver projetos transversais que abordassem também aos temas como a sexualidade e racismo. Esse projeto seria de todos, sendo ele uma pequena parte do todo que poderia desenvolver com os estudantes.

Após a apresentação da proposta do projeto, os professores(as) me procuraram para dizer que o que pretendia seria uma afronta muito grande a eles e suas metodologias de trabalho já prontas e determinadas. Para eles todo ano faziam sempre da mesma forma, e dava certo. Esse projeto iria atrapalhar suas aulas. Disseram ainda que, “os novatos saem das faculdades ou fazem cursos e acham que podem mudar a escola de uma hora para outra”. Nesse momento, percebi como seria difícil introduzir alguma proposta de repensar o que estava sendo feito. Mudanças para os docentes dessa escola era algo difícil de propor. “Desconstruir os conteúdos é difícil na medida em que muitos deles são sustentados como universais ao longo dos séculos, a desconstrução de nós mesmos talvez seja ainda mais penosa” (MISKOLCI, 2010, p. 41). As regras já estavam estabelecidas, controladas,

cristalizadas, e mais, todos (as) já estavam “acostumados” com aquela metodologia sem novidades. Era seguro. Era conhecido. O novo era assustador. Não se tinha controle. Mudar era um risco. O desafio seria grande!

Segundo Freire (1996, p.122),

“(...) o diálogo faz parte da natureza histórica dos seres humanos e assim o progresso é o caminho para que nos tornemos humanos. É através do diálogo que nos tornamos criticamente comunicativo, interagimos com tudo e qualquer pessoa que está ao nosso entorno, onde o diálogo é o momento em que o ser humano reflete sobre sua realidade e onde o procurar, é algo mais do que um simples saber”.

E foi o que fiz. Dialogamos. O diálogo nos capacita para agir de forma mais equilibrada, ponderada. Através dele podemos refletir juntos sobre o que sabemos e não sabemos, transformando criticamente nossa realidade. A escola foi o melhor lugar para que isso acontecesse, por causa da diversidade de saberes e práticas pedagógicas existentes entre os professores(as), direção escolar e a comunidade.

Sendo assim, procurei da melhor forma possível, conversar com os professores(as) sobre a importância de uma nova postura dentro da escola, ao nos relacionar com as diferenças do gênero. Expliquei também, que há muitos anos a escola vinha repetindo apenas o que foi construído historicamente, deixando de lado as experiências que chegavam até nós através dos estudantes. O projeto seria uma alternativa de tentar minimizar as diferenças e aproximar as semelhanças entre o gênero. Esclareci que para que isso pudesse ser realizado, precisaria que todos estivessem engajados, buscando, até mesmo, outros projetos que ajudassem a ampliar o que estava começando na escola.

Com professores(as) e demais profissionais da escola, obtive um leque de informações, através de diálogos, que busquei agregar aos conhecimentos adquiridos no curso, de maneira que todos que perpassaram em nosso caminho, quer na escola, comunidade ou meios sociais foram sendo formados sem que isso acontecesse formalmente. Os docentes puderam contribuir para que essas informações circulassem, movimentando vários segmentos da escola. Os temas apresentados, que não são novos, serviram para auxiliar a todos que se encontravam repudiados pela sociedade heterogênea e exclusivista, onde a diversidade é conhecida pela intolerância ao diferente.

No âmbito escolar pude utilizar várias metodologias para o aprendizado desses temas com os estudantes, famílias e comunidade, através de ações de reconhecimento do tema

que envolveu situações e atitudes de discriminação e exclusão por parte de estudantes, familiares, comunidade e principalmente professores.

Continuamos com o desenvolvimento do projeto com a minha turma. Alguns colegas (professores) chamavam-nos “turma juntos e misturados”, e acreditavam que não conseguiríamos mudá-los, já que os estudantes estavam acostumados com a realidade das separações do gênero. Acreditavam que acarretaria em confusão, mudar o que eles, há anos, estavam acostumados a fazer. Alguns professores(as), juntamente com a supervisora, chegaram a procurar a direção da escola para relatar que a mudança que eu estava realizando em sala, atrapalhava o andamento da escola, pois os estudantes de outras salas estavam querendo fazer o que a turma fazia. Os meninos queriam misturar-se com as meninas nas filas, fazerem as mesmas atividades que elas na quadra, entre outras coisas.

Segundo a vice-direção, as professoras relataram que as mudanças que eu fazia na entrada como os estudantes do 4º ano, era completamente irregular, pois os outros estudantes sempre ficavam em filas separadas. De repente chegava alguém e colocava os estudantes em filas mistas, desobedecendo ao que a supervisora pediu, ou seja, que ficassem como sempre foram, separados pelo gênero.

Na educação física, cada vez mais, estudantes pediam para fazer as mesmas atividades que os estudantes da turma do 4º ano faziam. Pediam que os professores(as) intervissem junto aos seus professores(as) para que eles mudassem a disposição da turma nas aulas, assim como estava acontecendo com os (as) estudantes do 4º ano.

Quando os estudantes do 4º ano saíam para a quadra, os professores(as) de educação física já sabiam como administrar as aulas, pois sabiam que era a turma piloto do projeto. Havia conversado na sala dos professores com todos sobre o projeto e, como já havíamos trabalhado juntos em outra escola, ficou mais fácil a adesão ao projeto proposto para diversificar as aulas e dispor os alunos nas atividades. Os alunos disseram que antes as aulas eram um pouco enfadonhas, não podiam propor mudanças no perfil das atividades, por que os professores(as) eram muito tradicionais e sempre seguiam as regras construídas: os meninos jogavam futebol e as meninas peteca ou queimada.

As brincadeiras com os estudantes menores eram juntas com meninos e meninas. Ambos brincavam de todas as formas e com todos os brinquedos trazidos por eles e disponibilizados na escola. Não se separava brinquedos por gênero. O que se incentivava era

o compartilhamento dos brinquedos, pois o brincar e as brincadeiras não podem significar a discriminação das diferenças no gênero. “A diferença não precisa ser uma marca, uma categoria, um estigma, mas algo que nos faça repensar velhos modelos em benefício de uma visão mais plural e democrática sobre a diversidade afetiva e sexual do presente” (MISKOLCI, 2010, p. 87).

Tenho muito que aprender com a capacidade das crianças de incluir. É importante exercitar essa decisão dinâmica com nossos estudantes, desde cedo, em nossa vida e em nosso fazer diário. Precisamos refletir de forma mais crítica sobre o nosso fazer para ter capacidade para tomar decisões coletivas, para tentar solucionar problemas concretos em nossa prática educativa, no contexto escolar. A participação do coletivo de professores(as) na escola foi importante para que ações fossem realizadas. Os problemas que surgiam relacionados à diferença entre o gênero, a sexualidade, homofobia, homoafetividade e racismo, mesmo que considerados temas novos para essa escola, requeria dinamismo, coerência e vontade de aprender como lidar com essas situações. E, caminhando, aprendemos e mudamos o que foi possível. “É decidindo que se aprende a decidir”. (FREIRE, 1997, p.119).

4.3 AS RELAÇÕES COM OS PAIS

Nesse momento, descreverei a participação dos pais na escola e suas relações. Vou descrever como acontece seu envolvimento na aprendizagem dos estudantes

Observando os estudantes em sala de aula e seu comportamento em relação às diferenças do gênero masculino e feminino e papéis sexuais, percebi que eles sempre falam das mães quando surgem questões relacionadas à tomada de decisões no lar. Boa parte dos estudantes mora com os avós enquanto suas mães trabalham. As mães são, para muitos dos estudantes, as mantenedoras da família. Conseqüentemente, os filhos dessas mães, produzem uma representação de papel sexual feminino com valorização, o que acaba por contribuir indiretamente para reforçar as diferenças entre o gênero.

Na primeira reunião de pais realizada na escola, desde o início do projeto, alguns me perguntaram por que os trabalhos e atividades feitos em sala estavam acontecendo de forma diferente do costume. Segundo os pais, os (as) filhos estavam partilhando as atividades entre meninos e meninas, usando outras cores e não utilizando as cores rosa e azul. Disseram ainda que, os desenhos eram de figuras contrárias às que sempre levavam para casa e que na

educação física as meninas estavam jogando futebol. Apresentei o projeto a eles e expliquei como estava acontecendo.

Os responsáveis pelos estudantes, em sua maioria eram mulheres (havia somente dois homens), adoraram a ideia e aproveitaram para relatar que em casa, alguns dos meninos faziam de tudo: arrumavam a casa, davam comida e banho nos irmãos mais novos, faziam o almoço, guardavam as compras, entre outras atividades. Algumas mães moravam sozinhas com os filhos e a ajuda deles era com o que elas podiam contar, pois trabalhavam para sustentar a família e não podiam pagar uma empregada. De acordo com as mães, a realização desse projeto iria fazer com que eles valorizassem mais as mulheres. Tal foi a minha satisfação ao término da reunião, pois considerei esse momento como uma confirmação de que estava no caminho certo e, melhor, contávamos com a autorização dos pais para a realização desse projeto. Respirei aliviada, pois, além de alguns poucos colegas de profissão, também tinha os pais e as mães comigo nessa jornada.

Com o “consentimento” dos pais, adquiri um pouco mais de entusiasmo para continuar com o desenvolvimento do projeto em defesa da desconstrução das diferenças relacionadas ao gênero na escola. Senti que podia conversar mais abertamente com os alunos. A reunião com os pais e, principalmente, o depoimento das mães, me fez conhecer mais os estudantes e saber como poderia aprofundar mais o assunto sobre os papéis sexuais, diferenças de gênero e sexualidade com eles. Foi como se estivesse mais segura para falar, mais legitimada para propor as mudanças necessárias na escola. Mais empoderada para exigir que o papel da escola, de educar para a cidadania, fosse cumprido a partir de mim através do projeto. Que, assim como as conquistas do movimento feminista foram adquiridas depois de longos discursos em defesa dos direitos das mulheres, aquele pequeno movimento na escola e defesa da valorização e da desmistificação do gênero, poderia ser o início de uma grande conquista no futuro.

4.4 AS RELAÇÕES COM A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Não foi possível perceber como as relações da escola com a Secretaria de Educação Estadual estavam construídas. Percebi que a única forma de representação visível, dela, na escola era através de impressos que a direção e a supervisão anexavam no mural da sala dos professores. Às vezes, ficava sabendo da presença da Inspetora, mas sem ter

envolvimento com os professores ou com qualquer acontecimento ou atividade que estivessem sendo desenvolvidas pela escola ou por algum professor(a).

O que se percebe com esse, e outros comportamentos da Secretaria de Educação Estadual é que, para que haja a transformação social nas escolas, é preciso investir em formações continuadas para os professores nas temáticas de gênero e diversidade para acompanhar mundo contemporâneo. A escola que desenvolvemos este projeto, está localizada em um município considerado pioneiro no assunto Diversidade e Inclusão, mas a secretaria estadual ainda precisa avançar muito nestes aspectos, favorecendo as formações continuadas nas escolas de sua rede de ensino.

4.5 AS RELAÇÕES DE ENFRENTAMENTOS COM A AUTORA NA ESCOLA

Os enfrentamentos que tive com a supervisora, professores(as) e direção escola ao desenvolver o projeto iniciou-se desde a apresentação do projeto como já adiantei no início deste estudo.

Mas ao fazer a apresentação do projeto à vice-direção, insisti para que ela me deixasse prosseguir com ele e que começasse, primeiramente com a turma do 4º ano, minha turma de referencia. Disse que, se necessário, faria uma reunião com os pais ou responsáveis pelos estudantes para expor o que aconteceria durante a execução do projeto na sala de aula, além de apresentar um retorno de como os estudantes estariam se comportando e realizando as atividades em casa e na escola. A reunião com os responsáveis não foi aprovada. Segundo a direção da escola, desnecessário seria o envolvimento dos pais nesse projeto, pois o mesmo estava destinado mais para o conhecimento e esclarecimento dos alunos e, portanto, não seria preciso envolver os pais nessa atividade. Chamou-me a atenção para o fato de que representações de ensino e de escola estão implícitas nesse discurso. Entendemos que para a direção o que se ensina e se aprende na escola, fica na escola.

Expliquei como seria cada parte e como os estudantes iriam se envolver no projeto. A supervisora me disse que não levaria este projeto ao conhecimento da direção, porque, segundo ela, seria uma afronta mudar o que há anos funcionava muito bem. Segundo ela, eu poderia guardar esse ensinamento que estava tendo na universidade, para outro tipo de escola, como a particular. Segundo ela, nas escolas particulares, a direção sempre valoriza o que é novo, só para agradar os pais dos estudantes. E ainda, de acordo com ela, no final seria

tudo igual ao que acontece nas outras escolas. A supervisora me disse que essas questões de sexualidade e gênero são muito novas e que seria melhor deixar para lá, pois iria mexer com toda a escola, e ela, quando estudante, também foi educada nos formatos tradicionais desde criança: meninas sentam com meninas e meninos com meninos e acabou.

Mesmo assim, projeto iniciou-se na turma de 4º ano com os estudantes, fazendo primeiramente as filas mistas. Outras professoras questionaram sobre como alguém quebraria as regras que a escola já havia imposto, de que as meninas deveriam fazer uma fila de um lado e os meninos de outro. Disseram, ainda que essa proposta atrapalhava tudo o que os estudantes já haviam aprendido.

Com o passar do tempo, pude perceber o afastamento de algumas professoras. Quando chegava sempre as cumprimentava e elas fingiam não ver. Ignoravam a minha presença na sala dos professores que sempre era acompanhada de grande silêncio. Quando havia recados pela supervisora ela sempre dizia, para os outros professores, manterem a organização de sempre da escola na entrada e saída dos estudantes das salas. Na hora cívica os estudantes ficavam em filas separadas de meninos e de meninas. Neste momento, sempre havia uma piadinha do tipo “ouviu fulana?” Indicando o que eu deveria fazer através dos olhares de reprovação.

As práticas docentes dessa escola demonstraram que a discriminação entre o gênero prevalece e essa diferenciação está nesses espaços. Essa diferenciação se fazia presente, não só nos discursos dos profissionais, mas nas salas de aula através da utilização de separação de cores, nas filas separadas de meninos e meninas, nos cadernos dos estudantes e nas cores das mochilas.

Balieiro e Risk (2014, p.174) disseram que “a escola é quem utiliza, através dos livros, materiais impressos e também de comentários entre professores/professores, colegas/colegas, como conceituam o gênero e a sexualidade”. Qualquer que esteja fora dos padrões da normatividade imposta sempre ficará invisível e indiferente aos olhos de quem a impôs. Ainda segundo os autores, na escola existe uma pedagogia de sexualidade operando a violência. Sua missão é saber o que é aceitável ou não e o que é também esperado como comportamento social homogêneo. O que está fora deste contexto hegemônico, é considerado anormal. Sendo assim, ao falar de diversidade na escola, não podemos deixar de lado o papel importante do professor que escolhe as atividades que serão dadas em sala, que muitas vezes,

reflete o modo como às diferenças marcaram suas vidas. Entender essas atitudes nos ajuda a entender e a buscar meios para poder superá-los.

Durante quatro meses o projeto seguiu conforme planejei. Devido às várias mudanças na organização de contratações da escola, perdi minha função de regente de turma e fui para a eventualidade (esta função é de substituir o professor faltoso na escola). No início, achei ruim essa mudança de cargo, pois acreditava que essa mudança causaria o término do projeto que havia começado. A decepção com a mudança de cargo iria me prejudicar na sequência do projeto. Estava desenvolvendo um trabalho que considerava muito importante e que contribuiria para minimizar um pouco as diferenças entre gênero que aconteciam na escola.

Questionei sobre o que fazer diante de tudo que havia começado e como iria encarar pela frente os estudantes, professores(as) e supervisão, já que, segundo alguns professores(as), o projeto havia ido por “água abaixo”. De fato, alguns professores(as) chegaram a dizer que isso não daria certo, não precisava mudar o que sempre foi do jeito que era.

Pensei sobre o que havia aprendido no curso GDE, de como foi à trajetória dos temas como a sexualidade, diferenças de gênero, discriminação racial, homofobia, homoafetividade, na sociedade, na escola, e como seria dali para frente se não poderia aplicar o que aprendi na teoria.

Refleti sobre como faria, pois, decidi que prosseguiria com o projeto que havia iniciado. Não sabia como. Sentimentos de solidão e de incapacitação me acometeram, até minha chegada ao curso quando dividi com os colegas e a tutora a situação do meu projeto. A melhor maneira para achar um caminho, com certeza, nesse momento é encontrarmos com alguém que comunga com as nossas ideias e concepções. Os colegas me incentivaram a seguir com o projeto e a tentar buscar na Secretaria de Educação o respaldo para continuar o que havia começado. Se isso não fosse suficiente então procuraria ajuda na própria Universidade, mas desistir não seria o que deveria fazer.

Como professora eventual sempre ia à sala de aula substituir um professor(a) que não comparecia à escola, e como sempre faltavam professores, tive que ir às salas de aula quase todos os dias. Dessa forma, como não precisava ministrar conteúdo específico e também não era supervisionada, decidi continuar com o projeto que havia começado na minha

turma de 4º ano com todos os alunos da escola por onde passava substituindo. Deparamos com um universo maior ainda para aplicação do projeto. Como ia todos os dias em salas diferentes, pude mudar as filas para entrar e sair das salas, misturar meninos e meninas dentro da sala, e, nas atividades as cores rosa e azul foram menos utilizadas. Ensinamos aos estudantes a valorizarem outras cores, outras imagens, além das que eles estavam acostumados.

Na eventualidade pude ir um pouco além com os estudantes e tive que buscar subsídios além dos depoimentos e das bibliografias estudadas no curso GDE. Levei também o texto *Todo mundo é igual* e os livros *O Mundo dos Bonecos de Papel* e *Gênero*, que falam sobre as diferenças.

O contato com as diferentes idades me permitiu perceber o que Louro (2000, p. 60), chamou de “disciplinamento dos corpos e mentes” dos alunos e como foi construído historicamente. Presenciei os processos de escolarização com o intuito de vigiar, controlar, corrigir e modelar os corpos de meninos e meninas, de jovens, mulheres e homens e até mesmo de professores, como eu. Afinal, o preconceito e as hierarquias sociais se manifestam não apenas na sala de aula, mas em toda a estrutura institucional das políticas de educação e escolas. A escola é apenas um espaço mediador de conhecimentos e opiniões, que deve procurar ações que possam combater toda a forma a desigualdade, racismo, procurando valorizar as diferenças. Ela deve fazer com que ações possam ser igualitárias a todos, buscando acabar com a generalidade de gestos, falas e principalmente de comportamentos de binarismo, hierarquia e desigualdade de gênero. E o que vi e presenciei não foi bem isso, demonstrando que estamos bem atrasados no conhecimento e avanço de nossas ações preconceituosas e excludentes.

Miskolci (2014, p.146) responsabiliza o professor(a) por fazer com que sua profissão alcance os objetivos propostos e necessários referentes à minimização dessa diferença. O autor ainda lembra que a avaliação dessa diferença foi vivenciada historicamente na formação educacional inicial e superior, familiar e religiosa desse professor, até chegar à escola, na sua sala de aula e também com os estudantes.

A igualdade, segundo Arroyo (2011, p.88) está entre princípios e ideias, dos percursos escolares, das avaliações, onde os diferentes, nesse processo, são tratados desigualmente. Onde a igualdade na escola pressupõe igualdade de acesso, a oferta escolar de

direitos de todos, não levando em conta as desigualdades que ocorrem na escola, nas oportunidades, a grupos diferenciados socialmente.

Quando a diferença é construída e naturalizada em um processo social, sua desconstrução e desnaturalização dependem de como favorecemos uma postura crítica dos valores sociais constituídos que achamos e consideramos como naturais. É processo de regra que foge ao comum ou a norma padrão que se é produzida naturalmente e culturalmente.

A diferença inserida no contexto escolar, segundo Silva (2014, p.22) está presente nas relações interpessoais gerando o preconceito e a discriminação prevalecendo sempre às relações de poder. A discriminação produz desigualdade social, no modo de ser, viver e estar dos sujeitos. Sendo assim, produzimos essa desigualdade na escola quer por ações ou atitudes com todos os sujeitos, tentando colocar o que nos é imposto pela sociedade hegemônica.

As dificuldades foram muitas até chegar ao final do ano letivo na escola onde apliquei o projeto. Mais de uma vez os professores(as) reclamaram com a supervisora sobre as mudanças que estava acontecendo nas salas de aula. A direção, por sua vez, sabia que não adiantaria intervir, pois o projeto estava sendo bem aceito pelos estudantes. Continuei com o projeto na escola, mesmo sem o apoio dos professores(as), mas sempre levando em conta o bem-estar que o projeto estava proporcionado aos estudantes, e a formação continuada que me era ofertada no curso GDE.

Canguilhem (1990, p.59) afirma que “a infidelidade que o meio nos impõem, nos faz refletir e enfrentar a necessidade de criar e tornar o trabalho que se realiza vivível. Somos seres humanos e o nosso ambiente de trabalho é técnico, humano, cultural e social. Temos nossa individualidade, singularidade, agimos e pensamos de forma diferente e se nos impõem certas diretrizes como meio restrito e limitado, desistimos”. Foi o que senti no início do projeto, vontade de desistir, mas logo me reergui e continuei com aquilo que acreditava.

Não desisti e segui em frente, mesmo com as negativas de outros professores(as) e da supervisora que tentavam impedir que o projeto continuasse. Diziam na sala dos professores que era um absurdo que professores novatos chegassem à escola achando que poderiam mudar o que há muitos anos tinha sido construído. Os estudantes, quando sabiam eu iria às suas salas aplaudiam e diziam gostar das propostas do projeto e das pequenas mudanças que estavam acontecendo. Diziam que essas valorizavam o ser com suas qualidades

e vontades. Conclui que o que estava fazendo era positivo para os estudantes e que a mudança estava justamente nas mãos dos professores(as).

É de extrema importância o papel do professor, pois ele é o sujeito e agente dessa mudança, onde socialmente foi construído e está sendo divulgado. Sua profissão é caracterizada por reproduzir os conhecimentos adquiridos. Muitas das vezes o professor não consegue colocar em prática os ensinamentos adquiridos ao longo de sua formação acadêmica e aceita que cabe a ele ser inovador, criativo, reflexivo, democrático no processo de ensino aprendizagem dos estudantes. (MISKOLCI, 2014, p.145).

Ainda conforme Miskolci (2014, p. 146) “a avaliação e a auto avaliação são necessárias ao professor por que a diferença marca negativamente ou positivamente nossas histórias”. Devemos estar cientes de suas distinções e especificações em um âmbito, maior e nacionalizado, da relevância desses dispositivos em nosso exercício com os estudantes.

Dessa forma cabe ao professor(a) se avaliar ou se deixar ser avaliado para que possa fazer a reflexão sobre o que está ensinando, quais os valores sociais, como o autoconhecimento, respeito, diálogo, emoções, cultura e disciplina traz para dentro da sala de aula. O(a) professor(a) deve contribuir na formação educacional dos estudantes, para que ele seja um estudante participativo, reflexivo, questionador e que possa exercer sua cidadania, principalmente na escola e em seus espaços. Assim sendo, certos padrões que foram construídos ao longo de nossa sociedade e vida ainda nos influenciam em nossas escolhas, decisões e lugares, necessitando uma reflexão de que lugar estamos, para onde queremos ir e quem devemos auxiliar no trajeto de nossas vidas.

Nós professores(as), somos mediadores de opiniões, ensinamos e dizemos em sala que todos devem exercer sua cidadania que a sociedade deve ser democrática. Esse discurso se torna um pouco hipócrita quando sabemos que dentro de nossas escolas, essa democracia não existe. Quando não permitimos que nosso estudante exerça sua cidadania até mesmo nas questões de igualdade de gênero estamos contrariando o discurso da prática. Quando impomos ou sugerimos o que eles devem usar, falar, comportar e fazer, demonstramos a eles que existe diferenças entre o gênero e que suas sexualidades não pertencem a eles, a sociedade, é que diz o que eles podem e devem fazer.

Como professora, me deparei com questionamentos sobre papéis sexuais na sala de aula. Os estudantes trouxeram para a escola todas as formas de diferenciações do gênero concebidas por eles, estigmatizando o que deviam e podiam realizar. Pude perceber que quando a escola não oportuniza esses momentos reforça, muitas vezes, a desigualdade e

hierarquização social, impactando não somente as classes socioeconômicas, mas além dessas classes, o racismo, a homofobia e o machismo, aspectos que também estão relacionados à desigualdade, desempenho escolar, evasão, permanência e aprendizagem dos sujeitos.

Segundo Balieiro e Risk (2014, p.152) a escola, sendo uma instituição social, não está fora do contexto de certos questionamentos, mas é influenciada e influencia o local, as famílias, os sujeitos e a sociedade que a compõe. Sendo assim, a escola não está fora de questionamentos e tomadas de decisão, pois a postura dos gestores podem influenciar os sujeitos em certas problemáticas como no caso da sexualidade e diferenças no gênero que entram na escola através de seus estudantes com suas vivências.

Silva (2014, p.21) chama a atenção para a normatização quando os sujeitos não podem expor seus sentimentos, sua identidade, cultura e experiências que fogem da norma ou padrão pré-estabelecido em nossa sociedade. Para o autor os sujeitos são considerados desiguais e excluídos, e a escola como um lugar de destaque na sociedade, sendo considerada uma grande reprodutora desses padrões, onde se prevalece à tolerância, velada, à diversidade que ela mesma estabeleceu em seu contexto e nos seus espaços.

Como atores sociais que somos, contribuirei principalmente na escola, pois é lá que surgem os maiores índices de exclusão e discriminação. Sei que a base de todo o conhecimento passa pelos estudantes na sua primeira infância, onde conheço um pouco os familiares e a comunidade. Mas o aprendizado não se restringe somente a sala de aula, mas a todo espaço social. Como profissionais e educadores(as), nosso papel é importantíssimo nessa construção de um mundo público e se for necessário teremos que desconstruir essa imersão de valores, de diferenças, trazendo para o espaço escolar um novo olhar, que valorize a diversidade de sujeitos que a compõem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi de descrever situações vivenciadas por mim no âmbito escolar, a partir da aplicação de um projeto de intervenção educacional sobre a Valorização do Gênero (masculino e feminino), e suas Diferenças em uma escola no município situado na região metropolitana de Belo Horizonte. Acreditava que as práticas de diferenciação estão presentes nas salas de aulas, no contexto escolar, na vida dos estudantes, dos professores, diretores e demais funcionários, em quase todas as escolas públicas de ensino fundamental.

Sendo o professor(a) um protagonista de suas próprias ações, procurei intervir de forma a assegurar o aprendizado dos educandos na escola, trabalhando com compromisso com a profissão não me deixando levar pelas interferências do meio em que me encontrava.

O curso GDE, me proporcionou uma gama de conhecimentos e práticas que auxiliaram meu desenvolvimento profissional, onde pude perceber que as mudanças somente dependem de nós mesmos. Os variados temas da atualidade podem trazer significados em minha vida e na vida de meus estudantes. Com o curso pude desenvolver várias habilidades como persistência, enfrentamento, colaboração e participação no âmbito escolar. Lembrando que tudo pode mudar, mas para continuar basta querermos. As dificuldades encontradas me disseram que sempre posso ir mais além dos conteúdos formais que são propostos em sala, sempre buscando uma nova perspectiva de aprendizagem tanto para nós professores quanto para os estudantes.

Iniciei o projeto na sala de aula com os estudantes, como no processo de alfabetização, em que consistiu em começar das partes para o todo. Dessa forma desenvolvi o projeto sobre a valorização do gênero e suas diferenças, pretendendo chegar ao todo, no que se referia às questões da sexualidade e homoafetividade.

Enfim, os principais pontos que este estudo me fez refletir a partir dos relatos, mesmo sabendo que existem mais situações envolvidas nessas práticas, foram:

- a) Com o desenvolvimento do trabalho pude perceber como é de suma importância o papel do professor em sala de aula. Sem o professor não

existe mudança, ele é o “carro chefe” na escola, pois passa valores e representações sociais para os (as) estudantes. Com ele podemos ampliar o conhecimento dos conteúdos programáticos para além dos muros da escola com os estudantes. Observei ainda, que a gestão escolar precisa ter mais visão sobre o que está ao redor da escola e dentro dela. Os estudantes são importantíssimos no processo de aprendizado, e independente dos fatores de sociais que a envolvem, sempre se pode ensinar e aprender a cada momento de nossas vidas.

- b)** Percebi que os (as) professores e a escola ainda têm muita resistência ao novo. Que toda mudança começa pequena para chegar a fazer diferença no mundo. Podendo sim, mudar o que está posto há anos no contexto escolar. Para desenvolver mais sobre outros temas como a sexualidade, homofobia, homoafetividade, racismo e desigualdade de gênero entre homens e mulheres perante a sociedade, o tempo e os profissionais da escola, foram os maiores “vilões” e eles nos impediram de ampliar mais as nossas discussões com os alunos. Não tive a oportunidade de desenvolver esses temas com os estudantes, devido à negatividade dos professores e direção. A escola me negou a oportunidade de colocar em prática o que estava aprendendo no curso GDE.
- c)** A fragilidade da escola em lidar com as diferenças de todas as ordens sejam elas racial, sexual, sócio econômica, aprendizagem. Ela não está preparada para mudanças, por mais que as instituições governamentais invistam. Ela não se apropriou dessas formações e o sistema não verifica se as propostas das formações estão sendo aplicadas ou mesmo, como as diferentes formas de conhecimentos trazidos pelos alunos para esse contexto escolar estão sendo acolhidas. Essa fragilidade tem gerado a discriminação e a exclusão, onde as relações de poder sempre estão presentes ignorando os conhecimentos e o pertencimento dos sujeitos que a compõem.
- d)** A aplicação e execução do projeto possibilitaram no contexto escolar, algumas mudanças nas práticas pedagógicas que precisavam acontecer. Não só em sala de aula, mas em toda a escola, não sob a responsabilidade somente do professor, mas de toda comunidade escolar precisam

acontecer. Precisamos mudar essas práticas que foram exercidas pelos profissionais ao longo de nossa história educacional tradicional e excludente, que separava o gênero masculino do feminino, determinando o que cada um poderia ser, agir e comportar. Com o desenvolvimento do projeto em sala de aula, pude perceber que essa mudança era simples e possuía meios para mudar. Os estudantes se envolveram, agiram e se comportaram de modo a perceberem que as diferenças são aliadas ao aprendizado, que elas não definem o gênero por agirem e se comportarem de maneira diferente do outro.

- e) Os estudantes reconheceram que as diferenças só trazem conhecimentos e a maneira como vinha se comportando não seria o correto. Os (as) estudantes trouxeram para dentro da escola suas vivências, seus valores construídos por todas as ordens, religiosas, sociais e econômicas, para serem auxiliados na ampliação do conhecimento para evitar preconceitos. Disseram ainda que, na escola, em casa ou na sociedade todos devem ser respeitados pelo que gostam, falam ou se comportam. Aprenderam que as cores não podem e não deve definir uma pessoa, que é prazeroso o envolvimento com o sexo oposto, principalmente nas brincadeiras da escola. Os estudantes chegaram à conclusão que todos podem realizar as mesmas atividades que são determinadas para homens e mulheres, e que as mulheres devem ser respeitadas e valorizadas. Os pais reafirmaram que o projeto iria colocar um novo olhar para a valorização das mulheres, pois são elas que cuidam da educação dos filhos e sua sobrevivência.
- f) Com a aplicação do projeto pude observar que na escola as relações de poder estão presentes e que essas relações ainda impedem que novas propostas sejam promovidas na escola. Ainda colocam o que cada um deve fazer, e que as normas ditadas ao longo da história, são ainda regras únicas e legítimas. Os professores (as) fazem um discurso incoerente, que não condiz com as práticas cotidianas, recusando-se a mudar e voltando a fazer o que faziam diariamente há anos. Assim como tem diversidade de estudantes, temos também uma diversidade grande de professores. A escola, qualquer que seja ela pública ou particular, deve aprender e ensinar a convivência com a diversidade em seu contexto e nos seus espaços,

garantindo o direito de acesso, permanência, aprendizagem, qualidade e equidade a todos para que possam dela precisar.

- g) Com o desenvolvimento do projeto pude analisar e refletir que as mudanças podem e devem acontecer no contexto escolar. Que a participação do coletivo de professores(as) é muito importante no processo dessa mudança, principalmente através das mudanças de concepção de gênero, prática e de metodologia pedagógica. A gestão escolar deve unida aos profissionais da escola para incentivar e valorizar o que cada um pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem do estudante, como cidadão crítico e reflexivo.

Como educadora por vários motivos não consegui abordar todos os temas que o curso GDE me proporcionou, mas com certeza, esses temas ficarão para trabalhos futuros como prática educativa com os estudantes e também com os professores(as). As bibliografias do curso são muito recentes e inovadoras para que um professor(a), somente, possa desenvolvê-los na escola.

Acredito que é através de muita luta que a educação chegou onde está. Precisamos continuar insistindo em ter políticas públicas, formação continuada para professores e, principalmente, metodologias direcionadas ao público excluído e tratado com desigualdade para fazer cumprir o que estabelece a lei, garantindo, de fato, que os sujeitos possam exercer sua cidadania na escola, comunidade e sociedade. Acredito que tenho muito que trabalhar para que os sujeitos sejam valorizados pelos seus saberes e experiências. Incluindo e não excluindo. A escola, como instituição educacional, tem importante papel de partir de seu contexto, valorizando e garantindo a aprendizagem desses temas, que não são tão atuais assim, mas que necessitam de maior conhecimento para auxiliar os estudantes em sua vida e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Ivam. **Todo mundo é igual**. São Paulo: Escala Educacional. São Paulo, 2004.

ARROYO, Miguel; Políticas educacionais, igualdade e diferenças. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. Goiânia, v. 27, n. 1, p. 83-94. Jan/ abril, 2011. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19969/11600>. Acesso em: 01 de março de 2016.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo; RISK, Eduardo Name. Escola e sexualidades: uma visão crítica à normatização. In: JUNIOR, Jorge Leite; MISKOLCI, Richard. **Gênero e diversidade na escola**. São Carlos: Edufscar, 2014. p. 149 a 197.

BRASIL. Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em 01 de março de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Gêneros, Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares: saúde e prevenção nas escolas**. Brasília, Ministério da Saúde, 2011.

CANGUILHEM, G; **O Normal e o Patológico**. São Paulo: Forense Universitária, 1990.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANO, ONU, 1948. Disponível em: www.escoladegoverno.org.br. Acesso: 22/01/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

FROIS. Rosemeire Camilo. **Glossário Igualdade e Diferença**. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Produção do conteúdo da disciplina de Igualdade e Diferença para um curso de especialização). UFMG, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. A construção Escolar das Diferenças. In: LOURO, Guacira Lopes; **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.p. 57-87.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.176.

MISKOLCI. Richard. **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EduFSCar, 2010.

MOREIRA. Andrei. **O mundo dos Bonecos de Papel**. Belo Horizonte: AME Editora, 2012.

SILVA, Conceição F. Seixas. **A escola e as relações de igualdade e diferença**. 2014. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Produção do conteúdo da disciplina de Igualdade e Diferença para um curso de especialização).

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu; (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.